



## Por Que Os Agricultores Guardiões De Sementes Mantêm Suas Sementes?

*Why Do Seed Guardian Farmers Keep Their Seeds?*

Régis de Araujo Pinheiro<sup>1</sup>; Hélio Debli Casalinho<sup>2</sup>; Irajá Ferreira Antunes<sup>3,4</sup>; Gilberto Antônio Peripolli Bevilaqua.

<sup>1-2</sup> Universidade Federal de Pelotas; [regispinheiroagro@gmail.com](mailto:regispinheiroagro@gmail.com); [hdc19009@gmail.com](mailto:hdc19009@gmail.com); <sup>3-4</sup> Embrapa Clima Temperado; [iraja.antunes@embrapa.br](mailto:iraja.antunes@embrapa.br); [gilberto.bevilaqua@embrapa.br](mailto:gilberto.bevilaqua@embrapa.br).

### Resumo

A manutenção das sementes crioulas pelos agricultores guardiões de sementes requer ser elucidada para demonstrar a ciência moderna suas significações, impactos e atitudes. Utilizou-se uma pesquisa qualitativa e participativa cuja técnica de pesquisa utilizou-se as conversas com questões previamente estabelecidas. A pesquisa de campo ocorreu no município de Rio Grande – RS e apresentou como amostra populacional seis famílias. Manter, conservar e compartilhar uma semente crioula está ligada diretamente com a capacidade de/para sobrevivência desses atores, visto que ela amplia esse aspecto pela produção de comida, mas que também apresenta seus reflexos na manutenção de aspectos agro culturais, em especial nos significados simbólicos que as constituem bem como por meio das formas de plantar, conservar, selecionar, além disso gera autonomia e soberania alimentar e efetiva-se em uma forma de [re]existência.

**Palavras-chave:** sementes crioulas; conservação; *in situ*; etnoconservação, sobrevivência

### Abstract

*The maintenance of creole seeds by seed-guarding farmers requires clarification to show modern science its meanings, impacts and attitudes. A qualitative and participatory research was used, whose research technique used conversations with previously established questions. The field research took place in the city of Rio Grande - RS and presented six families as a population sample. Maintaining, conserving and sharing a Creole seed is directly linked to the capacity of / for the survival of these actors, since it expands this aspect through the production of food, but it also presents its reflexes in the maintenance of agro cultural aspects, especially in the symbolic meanings that they constitute them as well as through the ways of planting, conserving, selecting, in addition it generates autonomy and food sovereignty and is effective in a form of [re] existence..*

**Keywords:** Creole seeds; conservation; *in situ*; ethnoconservation, survival.



## Introdução

A domesticação das espécies vegetais e animais fora forjada com base na observação e no conhecimento empírico de nossos ancestrais, tal processo modificou toda uma forma de vida que era baseada na caça, pesca, coleta e nomadismo, para um processo de sedentarismo, ou seja, nossos ancestrais passaram a organizar-se em comunidades fixas, as quais produziam seus próprios alimentos.

O processo acima citado ampliou a biodiversidade, visto que os seres humanos ao migrarem para outros locais levavam consigo sementes, as quais a cada cultivo em um novo ambiente necessitavam adaptar-se, tal processo proporcionava a mudança na sua constituição genética, bem como fenotípica, dessa forma, originou as diversas variedades de milho, feijões, cenouras, batatas entre outras, incluindo as espécies animais (MAZOUYER; ROUDART, 2010).

As comunidades rurais se espalharam e habitaram os mais longínquos e diversos ambiente terrestres efetivaram seus aspectos culturais pelas formas de tecer a arte da agricultura e preparar seus alimentos. Clássicos exemplos são os cultivos Andinos, o sistema de plantio das vasanteiras no Norte do Brasil, ou até mesmo a agricultura do Egito antigo, que aproveitava as cheias do Rio Nilo. Alheio a esses sistemas de produção encontra-se as sementes, as quais eram repassadas às sucessivas gerações conjuntamente com suas significações simbólicas. A cada colheita e uma nova época de produção, guardar as sementes era mais do que necessário, além disso para tais comunidades o conceito que diferencia grão de semente é diferenciado pelas atitude de plantio ou preparo do alimento “grão é o que eu como, semente o que eu planto (PETERSEN; CURADO; SANTOS, 2013; PINHEIRO, 2018).

O desenvolvimento da ciência e agricultura moderna, com seus pressupostos reducionistas, deslocou todos os processos, formas e atitudes pelas quais os agricultores camponeses e povos tradicionais cultivavam a terra, preparavam seus alimentos, selecionavam suas sementes. Um dos meios pelos quais esse processo efetivou-se foi por meio da substituição das sementes crioulas pelas variedades de alto rendimento (VAR's) as quais eram melhoradas geneticamente pelas instituições de ensino e pesquisa. Dessa forma, efetivou-se a erosão dos recursos genéticos vegetais, e a base genética alimentar estreitou-se a um ponto preocupante, visto que a humanidade está dependente de poucas espécies de organismos cultivados, as quais apresentam um número pequeno de genes e suas combinações (GLEISSMAN, 2005).

Atualmente, existe duas formas de conservação dos recursos genéticos vegetais, *in situ*, a qual preconiza pela conservação nos locais de ocorrência desses, e *ex situ* a qual é realizada por meio de instituições, universidades, ONG's em bancos de germoplasmas, ou seja fora do local de ocorrência dessas, além disso, esse método de conservação desloca as relações que se estabelecem entre os recursos genéticos e os agricultores e povos tradicionais, bem como freia o processo de coevolução das espécies, no entanto, tal processo também tem sua importância quando é capaz de prover aos agricultores tais recursos.



No entanto, na contramão dos processos erosivos preconizados pela ciência e agricultura moderna, bem como pelos meios que essa busca para conservar os recursos genéticos encontra-se um ator, o qual se conveniou denominar “Guardião de Sementes”, os quais são agricultores e povos tradicionais que conservaram durante os séculos e repassaram a cada geração suas sementes, ou seja, sementes crioulas as quais não passaram pelo processo de melhoramento genético tradicional. Tal ator, além de manter suas sementes, e os processos agro-culturais que seguem, como os simbolismos, os modos de preparo da terra e alimentos, bem como de seleção do material genético, efetuam algo muito importante para a humanidade, a coevolução das espécies vegetais.

O presente trabalho tem como objetivo elucidar o porquê os agricultores guardiões de sementes mantêm suas sementes crioulas e quais os reflexos de tal atitude.

### **Metodologia**

O presente trabalho utiliza uma metodologia qualitativa e participativa que busca dar voz aos participantes da pesquisa, ou seja os agricultores guardiões. Como ambiente de pesquisa tem o município de Rio Grande, no Rio Grande do Sul. Sua escolha deu-se por uma importância histórica, visto que Rio Grande é a primeira cidade de colonização portuguesa do referido Estado.

O ponto de partida é uma pesquisa exploratória efetuada conjuntamente com pesquisadores da Embrapa Clima Temperado que efetuam projetos relacionados a conservação das sementes crioulas, bem como com a Secretaria do Desenvolvimento Primário do município.

Obteve-se uma população de 22 agricultores guardiões de sementes no município e ao efetuar-se os critérios de escolha, como os agricultores de mais idade, aqueles que mantêm mais variedades. Preconizar os agricultores de mais idade é um fator pelo qual visa obter uma melhor narrativa bem como prezar pela experiência de vida e os fatores de transformação do espaço rural. A partir da implementação dos critérios de escolhas, chegou-se a uma amostra populacional de 6 agricultores guardiões, aos quais efetivou-se as entrevistas e conversas.

Como técnica de pesquisa foi utilizada as conversas, que além de ser uma técnica de pesquisa é uma atitude política, visto que uso da conversa como uma das técnicas de pesquisas é ir além de uma entrevista a qual faz uso da fala como objeto, e mais que isso é produzir “com os sujeitos e suas vozes em um movimento dinâmico, rizomático, imprevisível”. “Um lugar de encontro onde os sujeitos possam reinventar a si e a suas realidades através da palavra compartilhada” (SERPA, 2010, p. 2).



O referencial teórico relacionado no presente artigo está alicerçado na análise dos cotidianos embasado no que pensam Ferrazo (2011), Alves (2012), Pinheiro; Demench (2017), Ferrazo; Soares; Alves (2018), para a análise das narrativas em Perin; Behar (2015) e Benjamim (1994).

O trabalho é resultado do que foi encontrado na pesquisa de dissertação de mestrado de um dos autores.

### **Resultados e discussões**

Conforme afirmam Collunga e Zizumbo (1992) a apropriação da natureza envolve a obtenção de produtos por meio de uma coleção e gera produtos que irão ser utilizados como bens de consumos (alimentos, roupas, produtos medicinais), ou como bens de produção (germoplasma, implementos, combustíveis etc.).

De forma conjunta com o processo de apropriação da natureza, estão os agricultores, os quais possuem a suas histórias e subjetividades, os quais têm desejos, vontades, culturas, práticas, saberes sobre si mesmo, o mundo e a natureza, relações sociais, condutas, seu modo de ser, de se transformar, maneiras das quais (o Homem) elabora sua existência e vivência, através de suas percepções, que envolvem uma determinada atitude, das quais considera como uma verdade.

Assim, para apropriar-se da natureza, bem como, mantê-la sob seu zelo, é necessário tomar uma atitude, a qual irá decorrer da funcionalidade proporcionada pelos produtos assimilados. Sendo assim, quando se trata de apropriação das espécies vegetais que são reproduzidas via sementes, emerge uma atitude necessária que é a de coletar, produzir, guardar, manter e reproduzir as sementes, a qual culmina em determinadas finalidades, em um primeiro momento, a atitude inerente a todos os seres vivos, a sobrevivência.

Resgatar, reproduzir e manter sementes crioulas, é uma atitude que caracteriza a apropriação da natureza pelos agricultores familiares camponeses, as quais cumprem determinadas funções, sendo a primeira de sobrevivência da família, posteriormente, emergem outras propriedades como autonomia, resistência, práticas agrícolas, modelos de agri-culturas.

Nodari e Guerra (2015) mostram que a conservação pelo uso é uma metodologia milenar, a qual os agricultores e agricultoras nas mais diversas partes do globo terrestre, cultivam, conservam, produzem alimentos, fibras e outras necessidades de forma sustentável.

Essa atitude de/para sobrevivência é explicada por Martinez-Alier (1992) que aborda de maneira explícita, afirmando que “a ecologia da sobrevivência torna os pobres conscientes da necessidade de conservar os recursos”. Ploeg (2008) mostra que “o ato de conservar as sementes é uma prática camponesa, na qual, a reprodução social é dependente da co-produção



com a natureza”, então, “guardar e reproduzir uma semente crioula estão na materialidade da lógica de reprodução social da família agricultora camponesa, garantida pelo trabalho que se realiza na unidade de consumo e unidade de produção” (OLANDA, 2015).

A questão relacionada a sobrevivência, nesse aspecto, traduz-se em dois sentidos. A sobrevivência da família agricultura, a qual, mantém o recurso genético, que proporciona o fornecimento dos mais alimentos, feijões, milhos, abóboras, carne e produtos como lã, couro, sementes entre outros, salienta-se o fato pelo qual as sementes foram domesticadas, o consumo. Outro aspecto a ser salientado é a sobrevivência do recurso genético em si, que é o produto das suas finalidades, pois a manutenção por parte dos agricultores, apenas ocorrerá, se determinados benefícios serão ofertados, ou se ocorrem fatores culturais.

Inserir-se então a temática da co-sobrevivência, que pode ser verificada a partir do momento, o qual, ocorre a perda dos recursos genéticos, que ocasiona, praticamente de forma simultânea, em uma menor capacidade e adaptabilidade dos meios de subsistência, ou seja, a diminuição da capacidade de sobrevivência desses agricultores e agricultoras.

Essa afirmativa pode ser complementada por Leff (2009, p 119) ao afirmar que os espaços étnicos da América tropical foram, e continuam sendo cenários de importantes estratégias de sobrevivência, adaptação e transformação do meio, que se desenvolvem um número infinito de saberes e práticas os quais permitiram a coevolução de diferentes culturas.

Dessa forma, é necessário salientar que na lógica camponesa, a qual se encontram os agricultores guardiões de sementes, grão e sementes possuem uma distinção relacionada a sua finalidade, conforme mostram Petersen; Curado; Santos (2013) ao afirmarem que: “grão é o que eu como, semente é o que eu planto”. Portanto, o que existe nessa relação é uma co-sobrevivência, ou melhor, uma simbiose, entre o agricultor/agricultora guardiões de sementes e as sementes em si, sintetizada na forma de produção de alimento.

Essa relação de simbiose entre os agricultores e agricultoras guardiões de sementes é relatada por Pereira (2017), a qual afirma que, sem as sementes crioulas, dificilmente a agricultura familiar camponesa poderia sobreviver, bem como, sem os guardiões de sementes, dificilmente as variedades crioulas sobreviveriam.

A manutenção dos recursos genéticos, em especial as sementes crioulas, proporciona a manutenção e sobrevivência desses espaço etnoculturais étnicos, dos mais diversos mecanismos. No entanto, nos sistemas agrícolas sempre estiveram e estarão presentes as sementes, portanto, mantê-las está diretamente ligada com a produção de alimentos, e dessa forma, essa prática é adotada como uma estratégia, que tem como resultado alguns níveis de autonomia, não somente econômica, mas também de tomadas de decisões, fato que confere uma certa segurança em permanecer enquanto família agricultora (OLANDA, 2015, p. 21).



Quem guarda uma semente, rege e apropria-se da natureza, da vida, torna dono de si e do próprio recurso genético, é livre para plantar, das mais diversas formas, bem como reconhece o recurso que zela, suas peculiaridades frente as adversidades cotidianas, além disso, gera autonomia, soberania e segurança alimentar.

Essa lógica materializa a condição camponesa que consiste na luta por autonomia, progresso, construção e reprodução de um meio de vida rural. Essa luta, é resultado dessa condição, cujo objetivo é materializar na criação e no desenvolvimento de uma base de recursos autogestionada, os quais envolvem recursos sociais e naturais, constituindo-se na terra o pilar central dessa base de recursos, pois a terra representa um suporte que proporciona atingir um certo nível de independência, ademais insere-se também as formas de conhecimento, as redes que interligam esses agricultores, força de trabalho, terra, gado, canais de irrigação, terraços, esterco, cultivos (PLOEG, 2008, p. 18-19; 2012, p. 19).

Portanto, a coprodução, que se estabelece através das interações entre os seres humanos e a natureza, é originária dessa base de recursos, a qual é modelada pelos interesses e expectativas da família camponesa. Assim interagindo com o mercado, porque uma parte é vendida e outra é utilizada para a reprodução da unidade de produção e da família agricultora, influi diretamente e indiretamente nas suas sobrevivências (PLOEG, 2012).

Dessa forma, as sementes crioulas assumem um papel importantíssimo quando se refere a coprodução, fato que remete que a atitude de guardar a semente é uma atitude de sobrevivência, porque esses agricultores são dependentes do recurso genético, para o fornecimento não só das duas necessidades alimentares, mas também, de seus animais de criação, bem como, para impulsionar os processos regenerativos da fertilidade, vida do solo e do agroecossistema.

A semente torna-se um fator de produção essencial, simplesmente, porque, embora a família agricultora seja possuidora de terra, trabalho, sempre serão necessárias as sementes, portanto, as sementes crioulas estarem impregnadas de significação cultural, são fontes de autonomia, pelo fato de que, ao proporcionar o não desembolso de uma renda para a sua aquisição, carregam saberes, percepções, intuições, significações, que não estão nas sementes híbridas, transgênicas, suas patentes e seus royalties, as quais são carregados de intencionalidades (SANTOS, 1996 citado por PORTO-GONÇALVES, 2010) e por fim de técnicas de poder.

Essas sementes que apresentam uma outra intencionalidade (híbridas, transgênicas), estão condicionadas a serem supridas por pacotes tecnológicos, herbicidas, fungicidas, reguladores de crescimentos, adubações com fertilizantes minerais sintéticos altamente solúveis, e suas aplicações sucessivas, e dessa forma estão ligadas a grandes conglomerados empresariais, multinacionais, e, portanto, são portadoras de uma heteronomia.

A atitude de manter as sementes é uma atitude de/para sobrevivência, em primeiro momento da família agricultora, a qual reflete e desmembra-se em outras manutenções, outras



sobrevivências. Quando se mantém uma semente, mantém-se estilos de fazer agricultura, relações com o ambiente, com os agroecossistemas, práticas, percepções, intuições, saberes e conhecimentos que são repassados entre as gerações, ou seja, uma manutenção agri-cultural.

Cultura e conhecimentos práticos elaborados ao longo de séculos de cultivos, os quais geraram uma enorme experiência produtiva, principalmente nas comunidades autóctones da América Latina. Esses conhecimentos foram sepultados, através dos processos produtivos cada vez mais técnicos, a fim de revalorizar e incrementar a mais valia (LEFF, 2009).

Este processo tecno-econômico é destrutivo, e ao mesmo tempo processo de criação de uma civilização e suas formas culturais, a qual, não caminha em direção a autodestruição, mas a um ponto de mutação, que deverá ser realizado através da paralização do avanço técnico sobre as mais distintas culturas civilizações e suas formas de relações com a natureza, para que assim possamos sobreviver, ou seja a sobrevivência exige em revolucionar o devir (MORIN; KERN, 2003).

Sobreviver, é revolucionar e para revolucionar é necessário resistir ao sistema que oprime, que desfaz os modos de viver. Na física encontramos o significado de resistência, nas Leis de Ohm, constata-se que, resistência é uma força de oposição a um determinado movimento, que ocorre no interior de um condutor. Para Toledo; Alarcón-Chaires; Barón (1999) a modernização dos sistemas agrícolas, ocorre através de um conjunto de forças modernizadoras, que tendem a transformar o modo de produção campesina em modo agroindustrial. Esse conjunto de forças modernizadoras, sofrerão uma reação, de um outro conjunto de forças, em sentido oposto ao seu movimento, ou seja, as forças de resistências campesinas.

Tanto um sistema de produção agrícola familiar, quanto um sistema de produção agroindustrial, utiliza-se de estratégias, técnicas e formas de poder. Assim, ambos sistemas são geradores de resistências, movimentos de oposição a determinados movimentos, deslocamentos, que nas palavras de Judith Revel, em seu livro intitulado Michel Foucault: conceitos essenciais mostra:

[...] a resistência se dá, necessariamente, onde há poder, porque ela é inesperável das relações de poder; assim tanto a resistência funda as relações de poder, quanto ela é, às vezes, o resultado dessas relações de poder; na medida em que as relações de poder estão em todo lugar, a resistência é a possibilidade de criar espaços de lutas e de agenciar possibilidades de transformação em toda parte (REVEL, 2005, p. 74).

A semente por ser um fator de produção gerador de autonomia, também proporciona uma determinada resistência, relacionado aos agricultores guardiões, a autonomia tem representado uma crescente noção de resistência, principalmente pela oportunidade de produzir comida (OLANDA, 2015).

Cadernos de Agroecologia – ISSN 2236-7934 - Anais do 1º Congresso Online Internacional de Sementes Crioulas e Agrobiodiversidade - Dourados, Mato Grosso do Sul- v. 15, nº. 4, 2020.



Ao produzirem sua própria comida, constatasse que a resistência proporcionada pelas sementes crioulas é uma forma de resistência cotidiana, ou seja, ocorre no dia a dia dos agricultores guardiões e sendo essa, uma luta cotidiana e silenciosa que ocorre nos crepúsculos das sociedades contemporâneas. Por ocorrer nos cotidianos dos agricultores, se materializa nos momentos de escolher, o que, como e quando plantar, comer, guardar, mas principalmente, pelas interações que as variedades crioulas proporcionam, aliada, as suas capacidades de adaptações, que culminam em maiores resistências, a estresses bióticos e abióticos.

Essas formas cotidianas de resistência, são extremamente importantes, uma vez que os agricultores familiares camponeses encontram-se pulverizados ao longo da zona rural, fato que, condiciona a mais um obstáculo para determinadas ações coletivas e organizadas. Essas formas, não produzem manchetes nos jornais e são modos permanentes de resistência das classes rurais, principalmente as que vivem subordinadas e em difíceis condições. Em tempos de crises, momentos de mudanças políticas, essas formas de resistências, são acrescidas de outras formas de lutas que são mais oportunas (SCOTT, 2002).

A resistência está principalmente timbrada, no ato de produzir o próprio alimento, sem as tecnológicas da Revolução Verde, sem agrotóxicos, sem transgenia, ou seja, alimento puro como afirma um dos agricultores participantes da pesquisa. É o que Revel mostra como, as lutas contra os efeitos do poder, contra os transgênicos, contra os agrotóxicos, contra a perda da agrobiodiversidade e das mais diversas formas de manifestações culturais, contra a colonialidade do saber, ou da verdade única, preconizada pela ciência moderna ocidental. Portanto, convém lembrar que Nodari e Guerra (2015) mostram, que as variedades transgênicas e híbridas ameaçam a agrobiodiversidade, pela contaminação por transgenes.

Dessa forma, ao manterem as sementes, ou a agrobiodiversidade, preservam-se não somente as diversidades culturais e naturais, que são degradadas por inexoráveis processos de uniformização e destruição, implantados pela lógica da ciência moderna e do mundo moderno globalizado, preservam-se também a vida da humanidade, a qual está completamente ameaçada por uma grande barbárie (Morin; Kern, 2003).

Entretanto, para sobreviver são necessários diversos mecanismos, diversas estratégias, as quais estão ligadas diretamente com a ótica de manter as sementes crioulas. A atitude de manter proporciona a autonomia, tanto nos processos produtivos, como nas tomadas de decisões, nas relações, nos modos de intervenção no meio ambiente, e nos seus estilos de fazer agricultura, sendo que a autonomia originada nessa atitude, proporciona as mais diversas formas e estratégias de resistências

Se é na cozinha que o alimento se transforma em cultura, a manutenção das sementes assume a ótica de perpetuação da cultura, dos hábitos alimentares, dos linguajares, bem como das diversas formas de relacionamento com a natureza e as práticas realizadas nos agroecossistemas, ou seja, é a resistência dos mecanismos de produção e reprodução que





caracterizam a agricultura familiar camponesa, bem como, a resistência e a inovação dos processos de aprendizagem, das percepções, conhecimentos e saberes relacionados com os processos produtivos.

Portanto, estima-se que, a semente traz consigo o que Toledo (2008) chama de “memória biocultural”, a qual não se traduz somente na memória dos antepassados (agricultores e agricultoras guardiões de sementes) interagem e interagem com a natureza, suas percepções, seus saberes e seus fazeres, suas diversidades culturais, agrícolas, linguísticas, entre outras, as quais estão contidas nas sementes.

A manutenção das sementes crioulas, gera também dois fatores de extrema importância, o primeiro diz respeito à Soberania Alimentar, o segundo a Segurança Alimentar. Para a FAO (1996) citado por Caporal e Costabeber (2002) o conceito de segurança alimentar diz respeito “a assegurar o acesso aos alimentos para todos e a todo o momento, em quantidade e qualidade suficientes para garantir uma vida saudável e ativa”. Segundo os autores, a questão da segurança alimentar irá implicar na produção de alimentos em quantidade e qualidade e não apenas commodities.

Para Machado e Machado Filho (2014) soberania alimentar significa a capacidade que um determinado país tem de alimentar a sua população com produtos oriundos de sua própria agricultura, importando apenas um ou outro alimento, os quais por razões culturais e agrícolas não são produzidos.

A manutenção da agrobiodiversidade tem um inestimável valor para a humanidade, a qual constitui-se na base de sua soberania alimentar. Machado et al., (2007) mostram que o manejo da agrobiodiversidade, resulta em um equilíbrio de cultivos diversificados, dentro dos múltiplos agroecossistemas, os quais conservam valores tradicionais e culturais, que decorrem através da manutenção das variedades crioulas, que são a base da agricultura familiar e indígena.

Segurança alimentar e nutricional é a realização do direito de todos ao acesso regular e permanente a alimentos de qualidade, em quantidade suficiente, sem comprometer o acesso a outras necessidades essenciais, tendo como base práticas alimentares promotoras de saúde, que respeite a diversidade cultural e que sejam sociais, econômica e ambientalmente sustentável.

Inserir-se a esse conceito, a questão da perpetuidade, o respeito a diversidade cultural, e alimentos que sejam produzidos de forma mais sustentável. Portanto, a importância da manutenção das sementes crioulas, por parte dos agricultores, aliado aos seus modelos de agriculturas, e as relações que se estabelecem, com as dimensões econômica, cultural, social, da sustentabilidade, estão diretamente relacionadas com a manutenção das sementes crioulas. Simplesmente porque, os agricultores compartilham suas sementes, seus saberes, e nesse caso está a questão social. O aspecto econômico, fica por conta da não aquisição dos alimentos no mercado local, e o aspecto ambiental, diz respeito, as práticas agrícolas desses agricultores, a



questão cultural, está nos aspectos culturais, não só ligados ao plantio, mas também as mais diversas formas de manifestações culturais através do alimento.

Conforme mostra Olanda (2015, p. 113), as famílias agricultoras guardiãs de sementes, quando questionadas sobre o que produzem para comer, elas respondem, “de tudo”. Essa manutenção, para a autora, resulta em “um jeito de fazer e de ser agricultor que tem sua alimentação garantida por sua produção”.

Portanto, quando há a privatização da agrobiodiversidade, ocorre a perda da segurança e da soberania alimentar dos povos, implicando numa verdadeira inversão de papéis, simplesmente, porque a empresas passam a ditar, o quê, como, e quando plantar, fato que ocasiona a perda da autonomia dos agricultores.

Em suma, a manutenção da agrobiodiversidade por parte dos agricultores guardiões, é essencial, uma vez que está ligada a sua ótica de sobrevivência, mas que apresenta diferentes reflexos, como autonomia, resistência, soberania e segurança alimentar. Ademais, é pelo arranjo das cultivares crioulas, bem como pelas práticas que ocorrem nos agroecossistemas, que se determinará o quão sustentáveis são os mesmos, assim, a manutenção também permite o seguimento das mais diversas formas de expressões culturais, realizadas pelos agricultores, em muitos casos, pelos alimentos produzido. Todas essas realizações e manifestações agroalimentares ocorrem nos cotidianos desses agricultores.

## **Conclusões**

Manter, conservar e compartilhar uma semente crioula é materializado pela lógica de agricultura camponesa, em especial, pelos meios de produção de alimentos, o que emerge da necessidade de sobrevivência desses atores. Tal atitude é gestada em um momento presente com uma necessidade de obtenção de provimentos futuros, por isso insere-se a característica de/para.

A autonomia gerada pelas sementes, por meio das atitudes que se expressam nos cotidianos rurais desses atores, em síntese, seus modos de forjar, manejar, reger a agrobiodiversidade e a certeza de que tal processo ao ser efetivado no presente irá consolidar-se no futuro.

Pelos meios de cultivar, e preparar seus alimentos os agricultores guardiões de sementes conservam seus simbolismos e por conseguinte seus aspectos culturais, os quais são repassados para as sucessivas gerações.

Um outro fator que emerge dessa atitude é a segurança e soberania alimentar, saber o que se está consumindo bem como o poder plantar e consumir em momentos que desejar.



As relações que se estabelecem entre os agricultores guardiões de sementes e suas sementes caracterizam-se por uma relação de co-sobrevivência, em síntese, a sobrevivência de um é afetada pela falta de outro.

## Referências

ALIER, J. M. O ecologismo dos pobres. *Revista Wani*, p. 2-42 a 50, 1992.

ALVES, N. Políticas e cotidianos em redes educativas e em escolas. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICAS DE ENSINO, 16, Campinas, 2012. *Anais... ENDIPE* didática e práticas de ensino: compromisso com a escola pública, laica, gratuita e de qualidade, UNICAMP: Campinas: Junqueira & Marin Editores, 2012. p. 26-38.

BEVILAQUA, G. A. P. et al. Agricultores Guardiões de Sementes e a Ampliação da Agrobiodiversidade. *Cadernos de Ciência & Tecnologia*, v. 31, n. 1, p. 99–118, 2014.

CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A. Análise Multidimensional da Sustentabilidade Uma proposta metodológica a partir da Agroecologia. *Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável*, v. 3, n. 3, p. 70–85, 2002.

FERRAÇO, C. E. *Currículo e educação básica: por entre redes de conhecimentos, imagens, narrativas, experiências e devires*. Rio de Janeiro: Rovellet, 2011.

GLIESSMAN, S. R. *Agroecologia: processos ecológicos em agricultura sustentável*. 3. ed. Porto Alegre: Editora da Ufrgs, 2005. 653 p.

LEFF, E. *Ecologia capital e cultura: a territorialização da racionalidade ambiental*. Tradução Jorge E. Silva, Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2009.

MACHADO, L. C. P.; MACHADO FILHO, L. C. P. *A dialética da agroecologia: contribuição para um mundo com alimentos sem veneno*. São Paulo: Ed. Expressão Popular, 2014. Malajovich (2004).

MAZOYER, M.; ROUDART, L. *História das agriculturas no mundo: do neolítico à crise contemporânea*. São Paulo: UNESP; Brasília, DF: NEAD, 2010.

MORIN, E.; KERN, A. B. *Terra-Pátria*. Porto Alegre: Sulina, 2003. 181 p. Traduções de: Paulo Azevedo Neves da Silva.

NODARI, R. O.; GUERRA, M. P. A agroecologia: Estratégias de pesquisa e valores. *Estudos Avancados*, v. 29, n. 83, p. 183–207, 2015.

Cadernos de Agroecologia – ISSN 2236-7934 - Anais do 1º Congresso Online Internacional de Sementes Crioulas e Agrobiodiversidade - Dourados, Mato Grosso do Sul- v. 15, nº. 4, 2020.



OLANDA, R. B. DE. *Famílias guardiãs de sementes: a tradição contribuindo para a agrobiodiversidade*. 2015. 155 f. Tese (Doutorado) - Curso de Sistemas de Produção Agrícola Familiar, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2015.

PEREIRA, V. C. *A conservação das variedades crioulas como prática de agricultores no Rio Grande do Sul*. 2017. 336 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Rural, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

PINHEIRO, R. de A. *Construção de agroecossistemas mais sustentáveis: atitudes e percepções de famílias agricultoras guardiãs de sementes*. 2018. 202 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Agronomia, Fitotecnia, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2018. Cap. 1.

PINHEIRO, R. de A.; DEMENECH, F. Tecendo Olhares Em Torno Dos Cotidianos Dos Agricultores "Guardiões De Sementes" Para A Construção Do Conhecimento Agroecológico. In: Congresso Brasileiro De Agroecologia, 10., 2017, Brasília. *Anais...* Brasília: Cadernos de Agroecologia, 2017. p. 1 – 5.

PLOEG, J. D. van Der. *Camponeses e Impérios Alimentares*. Porto Alegre: UFRGS, 2008

PORTO-GONÇALVES, C. W. *A globalização da natureza e a natureza da globalização*. 2º Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

REVEL, Judith. *Dicionário Foucault*. Rio de Janeiro: Editora Forense, 2005.

SCOTT, J. C. Formas Cotidianas da Resistência Camponesa. *Raízes*, v. 21, n. 1, p. 10–31, 2002.

SERPA, Andréa. Pesquisa com o cotidiano: caminhos da formação da professorapesquisadora. Instrumento: *Revista de Estudo e Pesquisa em Educação*, v. 15, n. 2, 2013.

TOLEDO, V. M. Metabolismos rurales: hacia una teoría económico-ecológica de la apropiación de la naturaleza. *Revista Iberoamericana de Economía Ecológica*, v. 7, p. 1–26, 2008.

TOLEDO, V. M.; ALARCÓN-CHAIRES, P.; BARÓN, L. Estudiar lo rural desde una perspectiva interdisciplinaria: una aproximación al caso de México. *Estudios agrários*, p. 55–90, 1999.

ZATTI, V. *Autonomia E Educação Em Immanuel Kant E Paulo Freire*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007. Disponível em: <http://www.pucrs.br/edipucrs/online/autonomiaeducacao.pdf> Acesso em: 20 de agosto de 2020.